

Entre adoção, famílias recompostas e reencontros com as origens, histórias mostram como a paternidade pode ser construída por afeto, convivência e cuidado diário

POR GIOVANNA KUNZ

Quando tinha 20 anos, a professora Maria Eduarda Alves Paes decidiu colocar em palavras um sentimento que havia sido construído ao longo de anos. Em uma carta, contou ao padrasto sobre o carinho e a admiração que sentia, e fez uma pergunta que transformaria a relação dos dois: poderia chamá-lo de pai?

O homem que havia entrado em sua vida quando ela tinha 6 anos se emocionou. O vídeo do momento foi publicado nas redes sociais e ganhou repercussão. Até hoje, Leonardo Marinho Moreira, de 55 anos, comove-se ao ouvir Maria Eduarda, hoje com 23, chamá-lo de pai.

"Foi no dia a dia que eu percebi que ele tinha se tornado uma figura paterna para mim, porque ele sempre tentou me agradar de todas as formas. Sempre fez de tudo por mim, pela minha mãe, pela nossa família", conta. Leonardo acrescenta que a paternidade foi construída na escolha diária de cuidar. Para ele, a maior recompensa é acompanhar a trajetória da enteada. "Basta eu olhar para ela e ver a grande mulher que ela é."

A história dos dois é uma entre tantas que mostram que a paternidade pode ultrapassar o vínculo biológico. Em algumas famílias, ela começa com a adoção. Em outras, nasce da convivência entre padrastos e enteados ou se amplia quando alguém conhece o pai biológico depois de ter sido criado por outra figura paterna.

Apesar das diferentes trajetórias, os relatos se encontram na presença. A paternidade é construída em conversas, cuidados, brincadeiras, momentos difíceis e na decisão de permanecer.

Um vínculo construído com paciência

Maria Eduarda tinha 6 anos quando a mãe começou a se relacionar com Leonardo. A chegada dele, porém, não foi recebida imediatamente com naturalidade. "Eu era bem ciumenta, não aceitava muito bem. Depois, fui entendendo que ele era o namorado da minha mãe e que ela não iria me trocar por ele", lembra.

A aproximação aconteceu aos poucos. Maria Eduarda ainda sentia a ausência do pai biológico e precisava de tempo para compreender o espaço que o padrasto poderia ocupar. A paciência de Leonardo foi



Pai é quem fica

essencial. "Ele entendeu que eu era uma criança fragilizada. Foi cultivando em mim esse amor que sentia. Quando finalmente passei a vê-lo como pai, ele também se sentiu mais à vontade para dizer que me amava."

Não houve um momento único em que o padrasto passou a ser pai. A relação cresceu nas pequenas experiências do cotidiano. "Foi o convívio diário, a troca de conversas. Ele me ensina muita coisa, e eu quis aprender muita coisa com ele também."

Para Leonardo, o vínculo começou a surgir logo no início. Ele se recorda de que Maria Eduarda se aproximou por meio de um jogo de Uno. Em outro momento, durante um passeio em um clube, ela o convidou para ir à piscina. "Fiquei ali, cuidando e tentando fazê-la nadar. Vendo ela sorrir com as brincadeiras, surgiu em mim um sentimento de cuidado e satisfação. Então, pensei: 'Eu quero isso para a minha vida'", conta.

Quando a enteada publicou a declaração e pediu para chamá-lo de pai, ele compreendeu a dimensão

do vínculo. "Minha alegria e satisfação foram enormes. Foi o sentimento de que Deus estava me abençoando com mais um filho", diz.

Leonardo afirma que, desde o início, buscou fazer com que Maria Eduarda se sentisse protegida. "Eu precisava mostrar que estava ali para qualquer coisa. Precisava mostrar que existem homens de verdade", ressalta.

A jovem destaca que o pai de criação nunca tentou substituir ou desqualificar o pai biológico. "Meu padrasto nunca falou um 'a' do meu pai biológico. Nunca me induziu a chamá-lo de pai. Foi tudo muito natural, tudo no meu tempo."

Hoje, ela descreve a relação por meio de palavras como amor, dedicação, cuidado e proteção. "Eu sinto que pode estar acontecendo qualquer coisa comigo: se eu ligar para ele às três horas da manhã, ele vai dar um jeito de resolver meus problemas. Eu me sinto acolhida", declara. A experiência mudou o significado que Maria Eduarda atribuía à palavra "pai". "Hoje, eu falo: 'Eu tenho pai. Meu pai faz, meu pai resolve'. Ele é o pai que eu não tive."